Trabalhadores imigrantes entre identidades nacionais, étnicas e de classe: o caso dos italianos de São Paulo, 1890-1945*

JOÃO FÁBIO BERTONHA
Doutor em História Social/UNICAMP

A questão da identidade tem marcado o debate recente nas ciências humanas, interessadas em definir um conceito de identidade capaz de ajudar na compreensão de um mundo onde os fluxos de migrantes e o despertar de uma mídia mundial parecem dissolver e pasteurizar todas as identidades (culturais, religiosas, nacionais), mas onde elas próprias resistem e se transformam no decorrer de um processo de globalização que envolve todo o planeta nos últimos anos e que assusta os "Estados Nacionais", ciosos de sua integridade.

Na realidade, porém, como bem demonstram Fraser Ottanelli e Dona Gabaccia[1], esse processo de internacionalização cultural e econômica e de criação de movimentos sociais transnacionais através das migrações de massa de trabalhadores não é recente e já ocorreu em outros momentos da História, sendo perfeitamente absorvido pelos "Estados Nacionais", que não se desagregaram no processo.

---

* O presente trabalho foi apresentado inicialmente nas "XVI Jornadas de História Economica" da Asociación Argentina de Historia Economica, Universidad de Quilmes, Quilmes (Argentina), mesa "Inmigraciòn, mercado de trabajo y organizaciones sociales y politicas en el Brasil", 18 setembro 1998. Agradecemos aos comentários dos assistentes e, especialmente, de Dora Barrancos.

1 Ottanelli, Fraser e Gabaccia, Donna. "Diaspora or International Proletariat? Italian Labor, Labor Migration and the Making of Multiethnic States, 1815-1939". *Diaspora*, v. 6, n. 1: 61-84, 1997.

Esse artigo objetiva fornecer uma colaboração para esse debate a partir da questão da identidade entre os trabalhadores imigrantes italianos na cidade de São Paulo entre 1890 e 1945. Nesse sentido, a base da discussão será a contraposição entre as identidades de classe (operária, trabalhadora) e a étnica (italiana), fortemente estimulada pelos próprios empresários da cidade no período e, posteriormente, pelo governo fascista, justamente para impedir que uma identidade de classe altamente desenvolvida fosse fator de união dos trabalhadores e causadora de discórdias em uma coletividade italiana que se queria una, fascistizada e sem litígios internos. Verificar até que ponto esse projeto teve êxito e, posteriormente, o resultado do litígio entre as identidades nacionais brasileira e italiana entre os imigrantes e as múltiplas nuances do processo são as chaves das reflexões a serem desenvolvidas a seguir.

São Paulo – um mundo operário italiano

A classe operária brasileira na assim chamada República Velha foi formada em grande parte pelos imigrantes europeus e, posteriormente, pelos seus filhos. Isso foi verdadeiro em locais como o Rio Grande do Sul[2] e o Rio de Janeiro (onde a população imigrante dominante era a portuguesa) e, muito especialmente, no estado e na cidade de São Paulo.

Na realidade, a colaboração italiana para a formação da população paulista e paulistana em particular, não se limitou ao mundo operário, pois não só mais de 600 mil italianos moravam no estado em 1911 como, ainda em 1934, nada menos que cinquenta por cento da população paulista era formada de italianos e filhos de italianos[3].

Foi na nascente indústria paulista, porém, que os italianos (e depois seus filhos) tiveram uma representatividade ainda maior, ao menos até os anos 20 desse século. Seja pelo bom conceito que os trabalhadores europeus tinham frente à classe patronal (em comparação à imagem do trabalhador nacional), seja pela origem estrangeira, e italiana em particular, de parte dos próprios empresários, o fato é que os italianos e seus filhos formavam a esmagadora maioria dos operários que trabalhavam na indústria paulista em fins do século XIX e primeiras décadas do XX, superando, em termos proporcionais, o ocorrido, por exemplo, em Nova York e Buenos Aires[4].

2 Borges, Stella, "Os italianos e o movimento operário em Porto Alegre. *Estudos Ibero americanos*, XXII, 2: 129-156, dez/1996.

3 Ver Trento, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico - Um século de Imigração italiana no Brasil*, São Paulo, Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989, pp. 107-108.

4 Ver Maram, Sheldom. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979,cap.1; Trento, Ângelo. *Op. Cit.*, pp. 134-137; Hall, Michael M.. "Italianos em São Paulo". *Anais do Museu Paulista*, 29: 201-215, 1979 e "Emigrazione italiana a San Paolo tra 1880 e 1920". *Quaderni Storici*, IX, 25: 138-169, 1974.

Seja pela simples preponderância numérica, seja pela ação dos imigrantes politizados que chegavam da Europa (pouquíssimos em comparação com a massa dos imigrantes, mas fundamentais para a difusão das idéias anarquistas e socialistas e na organização dos trabalhadores), o fato é que os estrangeiros e, em particular, os italianos, também estiveram na linha de frente na criação do movimento operário em São Paulo e tiveram papel chave em todas as lutas dos trabalhadores no estado no período mencionado.

Essa preponderância dos imigrantes estrangeiros na formação da classe operária em vários pontos do país e, especialmente, em São Paulo, não significa que os trabalhadores brasileiros não tenham colaborado nessa formação, sendo bastante provável que eles tenham transmitido tradições e mecanismos de luta e vivência que vinham desde muito antes e conectando, assim, os mundos do trabalho no Brasil pré e pós abolição da escravidão[5]. Eram, porém, no caso de São Paulo, fortemente minoritários.

Alguns dados quantitativos podem indicar melhor essa preponderância. Um levantamento de Sheldon Maram[6], por exemplo, indica que, entre os principais líderes sindicais da cidade de São Paulo entre 1920 e 1922, os italianos eram 22 de um total de 36, sendo os outros estrangeiros 18 e os brasileiros apenas 8. Outro indício nesse sentido é o *Congresso Operário Estadual* de 1909, onde, dos 40 delegados, 29 eram italianos, numa porcentagem de quase 75%[7]. A imensa presença dos imigrantes e, em especial dos italianos, na formação da classe e do movimento operários em São Paulo está, pois, mais que evidente.

Os operários italianos entre a consciência operária e o nacionalismo, 1890-1922

A preponderância numérica dos italianos e dos imigrantes em geral no movimento operário paulista levou à criação de diversos mitos, como o de que todos os imigrantes italianos tivessem vindo da Itália com experiência de luta política e sindical e que a origem estrangeira fosse, assim, fator de força da classe operária. Na realidade, como demonstrado por diversos autores[8], não só os imigrantes eram, em sua esmagado-

5 Ver Negro, Antonio Luigi. "Imperfeita ou refeita? O Debate sobre o fazer-se da classe trabalhadora inglesa", *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31: 40-61,1996, especialmente p. 58 e Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. "A identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?", *Revista Brasileira de História*, v. 12, n. 23/24: 111-124, set 1991/agosto 1992.

6 Maram, Sheldon. *Op. Cit.*, p. 22.

7 Trento, Ângelo. *Op. Cit.*, p. 231.

8 Ver especialmente Maran, Sheldon. *Op. Cit*, cap. 2 e Hall, Michael. "Immigration and the Early São Paulo working class". *Jahrbuch fur Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellaschaft LateinAmerikas*, 12: 393-497,1975.

ra maioria, camponeses sem experiência sindical anterior, como o sonho da ascensão social, uma certa indiferença por um realidade que, a princípio, eles logo abandonariam e outros pontos fizeram com que a origem estrangeira enfraquecesse, ao invés de fortalecer, a organização da nascente classe opérária paulista,

Entre esses "outros pontos", um merece, dentro dos objetivos desse paper, uma atenção especial: as divisões étnicas. É ponto corrente na historiografia, de fato, que os antagonismos étnicos entre os imigrantes e os brasileiros e, especialmente, entre os diferentes grupos de imigrantes representaram um grande problema para a organização e o êxito das lutas operárias ao dificultarem a comunicação e o entendimento entre os trabalhadores. Realmente, falando línguas diversas, com tradições culturais diferenciadas e com estereótipos de lado a lado, era difícil, para os trabalhadores, a manutenção da união necessária para que eles pudessem se contrapôr ao poder dos patrões e isso, obviamente, enfraquecia o movimento operário[9]. Os jornais operários chegavam a descrever a situação como *"guerra latente no próprio seio da classe operária"*[10].

Esse problema era amenizado pela imensa preponderância numérica dos italianos entre o operariado paulista, mas, curiosamente, essa mesma situação repetia-se também entre os imigrantes italianos, que não se viam, muitas vezes, como compatriotas, mas como vênetos, calabreses, lombardos ou sicilianos, com grandes dificuldades de comunicação e um sem número de preconceitos e barreiras linguísticas e culturais impedindo uma maior união entre eles. Nesse sentido, o caso de Pasquale, vêneto e chefe de turma em uma fábrica têxtil de São Paulo que, segundo os socialistas do *Avanti! "nutria um ódio estúpido pelos meridionais e os maltrata cruelmente quando se oferece ocasião"*[11] certamente não era excepcional.

Que a classe patronal se aproveitava dessas divisões para, habilmente, ir jogando um grupo étnico contra o outro, é algo inegável e confirmado pelas fontes de época. Que tais divisões também eram um forte obstáculo à organização da classe opérária e à criação de uma consciência de classe mais desenvolvida entre os trabalhadores, é outro ponto mais ou menos consensual[12].

Certamente não é esse o momento para retomar o longo debate sobre o processo de constituição das classes sociais e buscar a definição

9 Ver Hall, Michael. "Trabalhadores Imigrantes". *Trabalhadores*, Campinas, número 3: 3-15, 1989, especialmente p. 12.; Maram, Sheldon. *Op. Cit.*, Capítulo 2; Martins, José de Souza. "Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914 - O caso de São Paulo". *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, XXIV, 2: 237-264, 1981, p. 255 e vários outros.

10 *Il Pungolo*, 1/5/1909, citado em Hall, Michael. *Op. Cit.*, p. 12.

11 *Avanti!*, 12/12/1907, citado em Idem.

12 Ver Hall, Michael. "Immigration and the Early São Paulo working class", citado, especialmente pp. 397-398.

do momento correto para se poder afirmar com certeza quando existe uma classe operária formada em São Paulo[13]. Parece evidente para o autor, porém, que, apesar das imensas dificuldades, a classe operária paulistana foi se constituindo, a partir do trabalho das minorias politicamente organizadas e das experiências e tradições que os imigrantes europeus, e basicamente italianos, traziam da Europa e da reelaboração delas no sufocante universo fabril que eles encontraram, na cidade entre os fins do século XIX e o início do XX. As comprovações para tal teoria são, certamente, a fortíssima agitação social, as greves e o desenvolvimento de toda uma cultura operária no período assinalado[14].

Curiosamente, porém, essa formação de uma classe operária e de uma identidade operária entre os trabalhadores italianos de São Paulo conviveu com o reforço de uma identidade étnica "italiana" que, como visto, era muito pouco desenvolvida nos imigrantes no momento de sua chegada ao país.

De fato, esse é um tema relativamente pouco pesquisado, mas há indícios que as fortes identidades regionais e locais dos italianos de São Paulo no século XIX (e que levavam, inclusive, a bairros separados e mesmo uma divisão de trabalho baseada, muitas vezes, nas afinidades locais e regionais[15]), estavam começando a ceder lugar, nas primeiras décadas do século, à uma identidade italiana, para o que teriam contribuído, sem dúvida, o ambiente brasileiro que tratava a todos como "italianos"[16] e colocava muitos deles em situações que estimulavam uma identidade comum e a psicologia do emigrado que, às vezes, parecia ter uma certa necessidade de recriar e endeusar simbolicamente a Pátria distante[17].

Claro que as identidades regionais não foram completamente obliteradas pela identidade italiana (como não o seriam nem mesmo durante o período fascista), mas é visível como, nas primeiras décadas do século, as comemorações e festas nacionais italianas começaram a atrair cada vez mais público, enquanto as elites italianas locais (e, em menor escala, o governo italiano), se lançavam ao trabalho para construir uma

---

13 Ver Negro, Antonio Luigi. *Op. Cit.*, e Bertonha, João Fábio. "Culturalismo X estruturalismo: um debate com E.P. Thompson". *Varia Historia*, 17: 31-50, 1997.

14 Ver Hall, Michael. "Trabalhadores imigrantes", citado; Maram, Sheldon. *Op. Cit.* ; Trento, *Op. Cit.* e a bibliografia citada nos mesmos.

15 Ver Ianni, Constantino. *Homens sem paz - Os conflitos e os bastidores da emigração italiana*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972, pp. 113-116; Rios, José Arthur. *Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil*, São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de SP, 1959, pp. 38-46; Trento, Ângelo. *Op. Cit.*, pp. 161-163, Cenni, Franco. *Italianos no Brasil*, São Paulo, Edusp, 1975, pp. 224-225 e Franzina, Emílio. *Gli italiani al Nuovo Mondo - L'Emigrazione italiana in America, 1492-1942*, Milano, Mondadori, 1995, pp. 477-482.

16 Ver Trento, Ângelo. *Op. Cit.*, pp. 161-163.

17 Ianni, Constantino. *Op. Cit.*, pp. 113-116. Ver também, para a "cultura da nostalgia", Mirella, Giovanni. "La nostalgia degli emigrati per il paese di origine". *Affari Sociali Internaionali*, II, 3: 101-113, 1974 e Pugliese, Stanislao. "The Culture of Nostalgia: Fascism in the Memory of Italian Americans" *The Italian American Review*, V, 2: 15-26, outono/inverno 1996/1997.

unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia[18]. As transformações do jornal Fanfulla (que foi caminhando cada vez mais para posições nacionalistas com o decorrer do tempo[19]), a criação de associações como o *Circolo Italiano* e, especialmente, do *Istituto Medio Dante Alighieri* e a fundação do "Palestra Italia" em 1914 como instrumento para a criação de uma identidade italiana em São Paulo via futebol[20] podem comprovar essa situação. O frenesi nacionalista na coletividade durante a I Guerra Mundial[21] é outro elemento nesse sentido.

Parece óbvio, a luz do material pesquisado, que esse despertar nacionalista afetou principalmente as elites e as incipientes classes médias italianas locais, as quais dispunham dos recursos financeiros e intelectuais para manter um contato mais estreito com a Pátria de origem e um interesse maior nesse contato[22]. Também há indicações que a rápida simbiose da cultura italiana com a brasileira em São Paulo (especialmente nas classes populares), a imensa diferenciação social entre os italianos e a falta de uma xenofobia brasileira permanente capaz de gerar uma sólida consciência de grupo[23] dificultaram a constituição de uma consciência étnica italiana entre os trabalhadores. Ainda assim, também o operariado parece ter sido influenciado, ainda que em termos mais difusos, pelo despertar da identidade étnica italiana em São Paulo naqueles anos.

A grande questão que se abre, então, é se era possível a convivência entre duas identidades aparentemente discrepantes, ou seja, a nacional (italiano) e a de classe (operário) e a resposta, surpreendentemente, era que sim e isso a partir da própria associação das duas identida-

18 Para o curioso caso dos médicos italianos em atuação no Brasil e que, como membros da elite intelectual, foram muito perseverantes na defesa do nacionalismo italiano e, depois, do fascismo em São Paulo, ver Salles, Maria do Rosário. *Médicos italianos em São Paulo (1890-1930)*, Série Imigração 7, São Paulo, Sumaré/FAPESP, 1997.

19 Trento, Ângelo. "La stampa periodica italiana in Brasile, 1765-1915". *Il Veltro – Rivista della Civiltà Italiana*, XXXIV, 3/4: 301-315, mai/agos 1990; Baily, Samuel. "The role of two newspapers in the assimilation of Italians in Buenos Aires and Sao Paulo, 1893-1913". *International Migration Review*, 12 (3): 321-340, 1978 e Consomagno, Marina. *Fanfulla - Perfil de um jornal de colônia*, dissertação de mestrado em História, São Paulo, USP, 1993.

20 Araújo, Luís Renato de Campos. *Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália*, dissertação Mestrado em Sociologia, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1996.

21 Rios, José Arthur. *Op. Cit.*, pp. 49-53.

22 Para uma reflexão geral sobre como consciência e identidade nacional se articulam com problemas políticos e questões de classe, ver Hobsbawn, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990. Nesse trabalho, Hobsbawn vai demonstrar como, em linhas gerais, o nacionalismo ocidental de base étnica de fins do XIX e inícios do XX foi um projeto grandemente centrado nas classes médias, sendo as classes populares as menos receptivas a seus apelos.
Sobre como muitos antigos operários italianos de São Paulo iam, a medida que ascendiam para as classes médias, identificando-se cada vez mais como "italianos", ver Castaldi, Carlo. "O ajustamento do imigrante à comunidade paulistana: estudo de um grupo de imigrantes italianos e seus descendentes", in Hutchinson, Bertram. *Mobilidade e trabalho - um estudo na cidade de São Paulo*, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960, 281-359. Para o caso americano, ver Gabaccia, Donna. *From Italy to Elisabeth Street: Housing and social change among Italian immigrants, 1880-1930* , Albany, 1983 e *Militants and migrants. Rural Sicilian become American workers*, New Brunswick and London, 1988.

23 Fausto, Bóris. *Trabalho Urbano e Conflito Social, 1890-1920*, São Paulo, Difel, 1983.

des que muitos trabalhadores italianos de São Paulo faziam nas primeiras décadas do século.

Uma primeira informação nesse sentido pode ser encontrada, paradoxalmente, nos intensos conflitos que, como visto, marcaram a trajetória do movimento operário em São Paulo no início do século. De fato, como bem demonstra Cláudio Batalha[24], esses conflitos eram muito mais, apesar de haver um componente étnico presente, um fenómeno conjuntural, relacionado à disputa pelo mercado de trabalho e à oposição entre setores organizados e não organizados do operariado e entre grevistas e não grevistas que um choque de identidades nacionais antagônicas e/ou forte xenofobia[25]. Nesse sentido, a identidade nacional estava conjugada a uma posição de classe e ambas as identidades podiam, dentro de certos limites, conviver.

Na realidade, como demonstra José de Souza Martins[26], o imigrante pobre recém chegado da Itália ou das fazendas de café passava, em São Paulo, por um processo de dupla ressocialização, onde ele se tornava um "italiano" e, ao mesmo tempo, um "operário", com a criação de duas identidades que, a princípio, podiam conviver e que, como vimos, se influenciavam mutuamente.

Essa situação, na verdade, não foi exclusiva do Brasil e nos reportamos à Fraser Ottanelli e Donna Gabaccia[27] para demonstrar como os trabalhadores italianos conseguiram, nos mais diversos países, fazer sua lealdade nacional e sua dedicação ao internacionalismo proletário conviverem, em criativa tensão, a partir da identificação do povo e da nacionalidade italiana com a luta mundial contra a opressão que viria desde os tempos de Garibaldi.

Seria ingênuo supôr, porém, que essa "criativa tensão" pudesse ser mantida ad infinitum e em qualquer situação. De fato, em muitos momentos, a identidade de "italiano" ou mesmo a regional desfigurava os contornos da luta de classes e forçava a identificação com os patrões que, no caso paulista eram, majoritariamente, também italianos.

O fato desses patrões usarem intensamente o argumento da solidariedade étnica para tentar suavizar a oposição capital/trabalho era, nesse sentido, o fator determinante para fazer a convivência entre as identidades se tornar problemática em certos momentos. Os esforços de Matarazzo para, por exemplo, criar uma rede de solidariedade com os seus

24 Batalha, Cláudio. "Xenofobia e identidade nacional na classe operária no Brasil", paper apresentado ao XVIII Congresso Internacional da "Latin American Studies Association", 1994.

25 Um exemplo clássico é a profunda antipatia entre portugueses e italianos em São Paulo, a qual era motivada, na maior parte do tempo, pela fama, merecida ou não, de "fura greves"do português. Ver Maram, Sheldon. *Op. Cit.*, pp. 31-32.

26 Martins, José de Souza. *Op. Cit.*, pp. 256-257.

27 Ottanelli, Fraser e Gabaccia, Donna. *Op. Cit.* Ver também Gabaccia, Donna. "Worker Internationalism and Italian labor Migration, 1870-1914", *International Labor and working class History*, n. 45: 63-79, 1994.

operários oriundos de Polignano a Mare[28] ou para tentar anular uma greve em 1907 apelando para a solidariedade dos oriundos da região de Bari[29] são exemplos típicos desse esforço.

A exigência dos operários, na greve de 1917 nas indústrias Crespi, por exemplo, do fim da colaboração "Pro Patria" que os patrões faziam, a partir do salário dos operários, em prol da Itália em guerra[30], as contínuas greves opondo patrões e operários italianos e até as divisões entre ricos e pobres nas próprias festas que deviam congregar a nacionalidade italiana[31] indicam, porém, que esse tipo de discurso nem sempre funcionava e que, se a possibilidade de fazer conviver a identidade de italiano com a de operário se revelava impossível, era a identidade de classe que acabava triunfando.

Isso não quer dizer, ressalte-se novamente, que os operários italianos desconhecessem o sentimento pátrio (pelo contrário) e parece claro, como já explicitado, que a solidariedade étnica convivia e condicionava, ainda que de forma, muitas vezes, contraditória e ambígua, a de classe. Na maioria das vezes, porém, a imensa diferenciação social e superexploração entre os italianos e a falta de uma xenofobia brasileira permanente capaz de gerar uma sólida consciência de grupo parece ter feito a consciência de classe superar a étnica na grande maioria dos casos em que os patrões procuraram fazer essa identidade étnica se destacar ou se contrapor a de operário.

O fascismo, a identidade étnica e a luta operária italiana em São Paulo, 1922-1945

Que o fascismo dedicou um especial cuidado para cativar os numerosos operários italianos e filhos de italianos de São Paulo é algo que pode ser inferido quando sabemos que regularmente grupos fascistas visitavam as fábricas em busca de subscrições e adesões ao fascio[32], que os operários recebiam propaganda específica e sofriam enorme pressão (com ameaças de dispensa, por exemplo, dos não fascistas por parte dos patrões[33]) para se filiarem às organizações fascistas e que

28 Martins, José de Souza. *Op. Cit.*, p. 256.

29 Castaldi, Carlo. *Op. Cit.*, e Carelli, Mário. *Carcamanos e comendadores - Os italianos de São Paulo da realidade à ficção, 1919-1930,* São Paulo, Àtica, 1985, p. 47.

30 Idem, Ibidem.

31 Martins, José de Souza. *Op. Cit.*, pp. 256-257 e Castaldi, Carlo. *Op. Cit.*,

32 Ver, por exemplo, "Ai lavoratori". *La Difesa*, III/48, 15/11/1925. Líderes fascistas em visita ao Brasil também costumavam visitar as fábricas. Foi o que fez, por exemplo, Luigi Federzoni em 1937. Ver *L'Italia in Marcia*, II/3, dezembro/1937.

33 Ver Bertonha, João Fábio. "La Base sociale dell'antifascismo a São Paulo: un'analisi, 1923-1930", in Blengino, Vanni (org). *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970,* Milano, Nicola Teti Editore, 1994, 390-399 e "Entre burgueses e operários - A representatividade social do antifascismo socialista italiano - São Paulo, 1923-1934". *História Social,* Campinas, I, 1:117-144, Primeiro Semestre/1994.

a rede dos *Dopolavoro* (dedicada prioritariamente aos operários) foi cuidadosamente ampliada no estado no decorrer dos anos 30.

Além disso, o fascismo criou em São Paulo, no final dos anos 30, um órgão associado ao *Dopolavoro* que era ainda mais direto na tarefa de atingir os operários, ou seja, a *Legione Operaia del Lavoro* que, fundada em 1937, parece ter atingido cerca de 400 membros em 1939 e que realizava atividades educativas, assistenciais e de propaganda anticomunista entre os operários italianos[34].

Pouco se sabe, na realidade, sobre esta organização e sobre os (poucos) operários que faziam parte dela. Na liderança da mesma, estavam homens de reputação duvidosa, como Vincenzo Guerriero (socialista expulso do PSI em 1920, tendo emigrado para o Brasil em 1927 e trabalhado como espião do DOPS[35]) e Conrado Bernacca, antigo tecelão e militante de esquerda que se inclinou para o fascismo num processo que até a polícia achava duvidoso e onde os limites entre conversão ideológica e puro oportunismo são difíceis de se definir com clareza.

O que se pode estabelecer com mais segurança é o tipo de mensagem que os operários recebiam nesses órgãos. Em 1937, por exemplo, o secretário da Federação dos fasci all'estero de São Paulo, tenente Renato Bifano, visitou as indústrias Bernardini em São Paulo e lá um operário, Ernesto Fagnani, o saudou com o seguinte discurso:

"Ilustre representante do Fascismo e legionário da Guerra da África. Eu, antigo soldado da África, expresso à Vossa Senhoria, em nome de todos os operários desta fábrica, a nossa mais respeitosa saudação

> *Por favor, transmita ao nosso líder em Roma a nossa devota saudação romana, espontâneo, e queira este ato significar ao senhor Ugo Bernardini, o nosso reconhecimento pelo benessete e conforto que nos proporciona com o seu e o nosso trabalho. Eia Eia Alalà!!"*[36]

Posto isso, resta tentar desvendar o grau de popularidade que o fascismo conseguiu entre os trabalhadores de origem italiana de São Paulo, o que é uma tarefa de difícil realização, mas fundamental dentro dos propósitos desse texto.

---

34 Sobre esta organização, ver Public Record Office, Foreign Office (PRO, FO) 128/393, relatório do Consulado britânico de São Paulo de 18/4/1931. Anexo 1 - "The Fascist Organization in the State of Sao Paulo"; Archivio Centrale dello Stato/Ministero della Cultura Popolare, Divisione Generale di Propaganda (ACS/MinCulPop, DGP), b. 275, f. 10, sottof. 8, p. "Articoli - Giornali", informe Consulado de São Paulo, 30/10/1939 e Arquivo do Estado do Rio de Janeiro/Delegacia de Ordem Política e Social (AERJ/DOPS), Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Propaganda fascista", p. 20.

35 *Archivio Centrale dello Stato/Casellario Politico Centrale (ACS/CPC), b. 2576, p. 4437 ("Guerriero, Vincenzo").*

36 "La visita del Segretario Federale Tenente Renato Bifano agli Stabilimenti di Ugo Bernardini" *L'Italia in Marcia*, II, 3, dezembro/1937.

As informações disponíveis indicam que, apesar do sucesso do fascismo em penetrar e controlar a maior parte das associações operárias italianas de São Paulo[37] e em atingir um número razoável de operários com a mensagem fascista através da eficiente ação dos *Dopolavoro*, trabalhadores e operários foram o grupo social da coletividade italiana menos atingido pelo fascismo.

Temos indícios, de fato, que os jornais antifascistas atingiam, ao menos esporadicamente, os meios operários[38] e que o operariado italiano era, ao menos até o início dos anos 30, a fração da coletividade italiana mais avessa ao fascismo[39] e mais aberta ao antifascismo. De fato, em 1927, a Embaixada italiana escrevia nesses termos à Roma:

> *"Os antifascistas convictos não são muitos mas encontram acolhida, em parte, entre o elemento operário do Braz e da Mooca e tem o apoio incondicional da Maçonaria"* [40]

E pode-se supor que esse sentimento antifascista de ao menos parte do operariado italiano foi derivado da ação de propaganda dos antifascistas[41]. Outra fonte deve ter sido a herança das tradições anarquistas e socialistas (ou seja, de uma certa identidade operária) que influenciaram parte expressiva dos operários ítalo-brasileiros no início do século. É hipótese do autor que essa herança, apesar de estar enfraquecendo nos anos 20 e 30, deve ter ajudado os operários a se manterem afastados de uma conquista real pelo fascismo, o que não os afastou, porém, como veremos a seguir, de um leve sentimento (mediado, normalmente, pelo nacionalismo) de admiração pelo regime.

Essa situação parece se alterar no decorrer dos anos 30, quando os fascistas ampliam seu controle sobre a comunidade italiana como um todo e quando a propaganda fascista entre os operários passa de algo de um grupo italiano para italianos ou descendentes de italianos para uma propaganda para operários em geral. Ainda assim, os antifascistas

---

37 Para a sociedade de socorro mútuo de S. Caetano do Sul/SP, conquistada pelo fascismo, ver Martins, , José de Souza. *Subúrbio - Vida Cotidiana e História no Subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*, São Paulo/São Caetano do Sul, Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992. Ver também AERJ/DOPS, Série Estados/SP, Pacote 22C, Dossiê "Fascio de SP".

38 Vide cartas de operários ao *La Difesa* em "Interessi operai". *La Difesa*, III/56, 24/1/1926.

39 Vide o depoimento do fascista Vincenzo Ragognetti in "Perchè il fascismo é mal visto in Brasile" em *Il Moscone*, V/218, 21/9/1929 e um curioso acontecimento em Juiz de Fora/MG em 1927, quando um italiano - Augusto Maggiolaro - construiu um grupo de casas para operários e as batizou de "Vila Operária Giacomo Matteotti". Vide Tagliaferri, Trento. "L'incredibile Juiz de Fora". *A Voz da Itália*, 11, 26/4/1947. Ver também o depoimento do sr. Amadeu em Bosi, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*, São Paulo, T.A. Queiroz/Edusp, 1987, p. 94, onde ele afirma que a aproximação dos operários italianos ao fascismo era superficial e a entrevista concedida ao autor por Lélia Abramo (São Paulo, 17/12/1992), onde a entrevistada afirma que haviam poucos trabalhadores realmente fascistas.

40 Informe Embaixada italiana (22/10/1927) in Archivio Centrale dello Stato/Ministero dell'Interno (ACS/Min Int), DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. "San Paolo (Brasile) - Fuorusciti e antifascisti".

41 Ver nossos trabalhos citados na nota 33.

conseguiram, entre os operários, uma receptividade que, se não foi suficiente para dar ao antifascismo uma sólida base de massa, foi maior do que a obtida em outros grupos sociais da colônia italiana, como, por exemplo, a burguesia industrial e as classes médias.

Nesse sentido, o que parece ter acontecido é que os operários se recusaram a se incorporar em massa nos organismos fascistas como fizeram os empresários e os membros das classes médias italianas, restando entre eles apenas um sentimento pró fascista "difuso" e genérico e que não se convertia em alinhamento político.

Esse fascismo "difuso" ou "genérico" era despertado normalmente entre os operários italianos através do nacionalismo e, especialmente, da imagem que o fascismo procurava projetar de restaurador da ordem e da grandeza imperiais da Itália, o que servia para os operários e trabalhadores italianos (e, especialmente, filhos de italianos) recuperarem o orgulho por suas origens e se inserirem melhor na sociedade brasileira. Era, porém, algo tão sutil que, na maioria dos casos, esses operários não viam nenhum grande problema em se identificarem como operários e brasileiros (no caso dos filhos de italianos) e, ao mesmo tempo, como levemente simpatizantes do fascismo[42] e das glórias do regime, o que desagradava tanto os fascistas (que sonhavam com a conquista completa ou com a possível criação de uma sólida identidade "fascista" entre eles) quanto aos antifascistas, que não conseguiram jamais mobilizar em massa os operários italianos de São Paulo para a luta antifascista[43].

Este é, aliás, um aspecto curioso do tema que estamos discutindo e que demonstra como a questão da identidade também é realmente um forte campo de disputa política. De fato, por todo o período entre guerras, fascistas e antifascistas procuraram associar a identidade italiana, ou italianidade, com a ideologia fascista ou antifascista, sendo que, nos grupos mais à esquerda, era possível localizar até mesmo insinuações que o "ser operário" devia excluir, automaticamente, qualquer simpatia pelo fascismo[44]. O resultado dessa luta parece ter sido mais favorável ao fascismo que ao antifascismo, mas ele não conseguiu, como visto, mais que a difusão de uma certa simpatia difusa entre o grosso dos operários.

---

42 Um desdobramento dessa situação de simpatia pelo fascismo, mas com firme identificação com o nacionalismo brasileiro levou muitos filhos de italianos ao Integralismo. Novamente, contudo, essa adesão parece ter sido mais comum entre os membros das classes médias, tendo sido muito menor a simpatia pelo Integralismo entre os trabalhadores. Ver .Bertonha, João Fábio. "Between the Sigma and the fascio. A balance of the relationship between the Italian Fascism and the Brazilian Integralism", *Luso Brazilian Review*, Madison, 1998, no prelo.

43 Idem, Ibidem.

44 Ver, para essa disputa, nossos textos citados na nota 33. Para os jornais antifascistas mais à esquerda, ver as coleções de *I Quaderni della* Libertà, *Alba Rossa* e *Guerra Sociale*, publicados em São Paulo em meados da década de 30.

Se esse sentimento filofascista entrasse, contudo, em conflito com a identidade operária[45], esta acabava, até por razões de pura sobrevivência, triunfando, como as contínuas queixas em jornais, por parte dos operários, da superexploração nas indústrias de Matarazzo e outros empresários italianos[46], as diversas greves que sacudiram essas empresas em fins dos anos 20 e início dos 30[47] e outros acontecimentos[48] parecem indicar.

Outros indícios nesse sentido são as reações dos operários das *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo* a desmandos da chefia em 1928 e a luta dos mesmos (ou, ao menos, de sua parte mais politizada) contra as tentativas do Conde de aliciar seus empregados para a aventura da Abissínia em 1935/36. Nos dois casos, percebe-se a solidaridade de classe vencendo a étnica e a incorporação do discurso antifascista na luta operária quando isso significava oposição ao discurso dos patrões e defesa de seus interesses..

No primeiro caso, as operárias da Fábrica de Tecidos Mariangela (IRFM) fizeram uma greve por não suportar a superexploração e os desmandos de um dos gerentes que, segundo as próprias operárias, tinha características bastante peculiares:

> *"E as operárias explicaram que o dito gerente, indivíduo recém chegado da Itália, vestido de camisa preta, símbolo da violência e do óleo de ricino, cabeça cheia das idéias mussolinicas, resolvera implantar ali o regime fascista, espesinhando as leis brasileiras e os sagrados direitos do operariado"*

Nesse conflito, uma das operárias chegou a se manifestar de forma contundente:

---

45 Que não era seguramente, porém, tão forte, desenvolvida e disseminada como gostariam os militantes operários do período e parte da historiografia posterior, o que permitia esse trânsito mais flexível entre identidades e simpatias aparentemente irreconciliáveis. Ver Trento, Ângelo, "Il Brasile, gli immigrati e il fenomeno fascista", in Blenghino, Vanni. *Op. Cit.*, pp. 250-264.

46 "Tirapiedi peggiori dei padroni". *La Difesa*, VIII/370, 5/9/1931 e "Tribuna Italiana".*La Difesa*, XII/483, 27/1/1934.

47 Para esses greves (majoritariamente de operários italianos e filhos de italianos), ver Arquivo do Estado de São Paulo/Delegacia de Ordem Política e Social (AESP/DOPS), Prontuários 716 (""Federação Operária de São Paulo") e 1088 ("Donato Angelo de Vitis"); "Greve na Fábrica Mariangela". *A Platea*, 17/7/1934 e "A greve na ítalo brasileira".*A Platea*, 2/7/1935. Para a confirmação que, ainda no entre guerras, parte substancial do operariado de São Paulo era formado de italianos e filhos de italianos, ver Maram, Shelldom. *Op. Cit.* e os trabalhos citados de Michael Hall.

48 Na revolução de 1924, por exemplo, italianos pobres saquearam armazéns e depósitos de italianos ricos, sem se importarem muito com a origem comum. Ver Fausto, Bóris. "Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo", in Fausto, Bóris et allii. *Imigração e política em São Paulo*, São Paulo, Sumaré, 1995, 7-26, p. 19.

"É esse o plano do agente do Conde, que trouxe da Itália as doutrinas renegadas dos camisas pretas. Porém, nós, que não somos bobas e vivemos num país de trabalho, não nos escravizaremos à canja do capital fascista"[49]

e indicativa de como o fascismo não conseguiu conciliar patrões e operários italianos a partir do discurso da solidariedade étnica.

Em 1935, novamente a questão volta a tona quando Matarazzo tenta induzir seus operários a partir como voluntários na primeira guerra fascista e um operário do "Moinho Matarazzo" assim se manifestou:

"Matarazzo, esse polvo insaciável, que suga o nosso sangue diariamente, esse cínico empreiteiro do massacre dos trabalhadores que está aliciando para mandar para a aventura imperialista do ridículo Duce que infelicita o operariado italiano, esse bandido tem a coragem de prometer salário integral aos que se prestarem a ser assassinos do povo da Abissínia, garantindo até uma pensão para as viúvas.

Mas nós sabemos que prometer é fácil, os inconscientes que se deixarem arrastar por essa demagogia sórdida e patrioteira, vão ver no que dão as promessas quando voltarem aleijados e inúteis se não ficarem por lá atirados aos corvos. E, de qualquer forma, as famílias ficarão sem os chefes e terão que recorrer à caridade pública, porque na hora de receber a pensão, o salafrário do Matarazzo vai aparecer com medalhas de ferro para pagar a vida dos "heróis" que abandonaram a família para servirem de bucha de canhão. E essas medalhas não enchem barriga e nem dão casa e roupa"[50]

Com relação a este momento específico, é interessante observar como a coletividade italiana, em geral, recebeu com entusiasmo a aventura fascista na Àfrica, com coleta de dinheiro e mercadorias e partida de voluntários para a guerra. O grosso desses voluntários era formado, porém, por ex-militares e membros das classes médias italianas locais, sendo mínima a participação de operários ou trabalhadores urbanos, os quais apreciaram positivamente, contudo, a guerra africana de Mussolini. Isso confirma as contínuas conexões das identidades étnicas e nacionais com questões políticas e de classe e indica os limites dos senti-

49 "Isto aqui não é a Tripolitania". *O Combate*, 24/1/1928.

50 Arquivo Nacional/Ministério da Justiça e dos negócios interiores 1933-1939 (AN/MJNI), Caixa 292, Processo de Expulsão 703/37. Exemplar de *A Classe Operária* de novembro de 1935.

mentos pró Itália e pró fascismo entre eles mesmo em momentos de exaltação nacionalista. Se esses limites, no caso dos membros da classe operária, eram derivados do fato da maioria deles se sentir "brasileiro" e "operário" e não "italiano" e "fascista" o suficiente para sair da simpatia geral pela guerra e partir para ações mais concretas ou do simples desejo de não deixar suas famílias e empregos, é questão em aberto, sendo provável que ambos os aspectos estivessem presentes.

No período entre 1936 e o início dos anos 40, essa situação parece ter se mantido, com os operários mantendo alguma identidade como membros da classe operária (ainda que não no nível desejado pelos teóricos e dentro do clima de cooptação/repressão do regime de Vargas) e, cada vez mais, como brasileiros, mas com simpatias pela Itália e pelo regime fascista. Com a chegada da II Guerra Mundial, a necessidade de definição de identidades e lealdades foi posta em primeiro plano e toda a coletividade italiana foi pródiga em ressaltar sua absoluta lealdade ao Brasil. A elite italiana de São Paulo, assustada com as possíveis consequências de seus anos de forte ligação com o regime[51] foi, aliás, especialmente rápida em ressaltar a sua total devoção ao país, apesar de, comprovadamente, continuar simpática à ideologia fascista e refratária ao antifascismo[52].

No caso da grande massa de ítalo-brasileiros das classes populares, o que parece ter acontecido é que o fascismo continuou com uma certa popularidade mesmo durante esse período difícil, mas com a colônia demonstrando absoluta lealdade ao Brasil. O profundo choque que deveria ter ocorrido entre as identidades de "brasileiro" com as de "italiano" e "fascista" foi superada, contudo, pelo fato dos filhos de italianos já terem superado numericamente os italianos natos nas fábricas e no conjunto da colônia (o que tornava a opção "Brasil ou Itália" pouco dolorosa para eles) e pelo fracasso do regime de Mussolini em associar a ideologia fascista com a construção de uma forte identidade italiana local, como havia feito nos Estados Unidos e outros países anglo saxões[53].

Não tendo, assim, fortíssimas identidades "italiana" e "fascista" a defender, os ítalo-brasileiros pertencentes às classes populares e trabalhadora puderam se mostrar totalmente leais ao Brasil nesse momento delicado e continuar, até mesmo, a manter uma velada simpatia pela

51 Ver Bertonha, João Fábio. "Cavalieri, Commendatori e Grand'Ufficiale a serviço do fascio: A burguesia italiana de São Paulo e o fascismo, 1919-1945". *Pós História*, Assis, no prelo.

52 Idem e "Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43". *Revista de História*, São Paulo, USP, 137:43-63,1997.

53 Ottanelli e Gabaccia. *Op. Cit.* e Venturini, Nádia. "Le comunità italiane negli Stati Uniti tra storia sociale e storia politica". *Rivista di storia contemporanea* , XIII, 2: 189-218, 1984 e "Italian American leadership, 1943-1948". *Storia Nordamericana*, 2, 1: 35-62, 1985. O choque da guerra provocou, também nos EUA, necessidade de adaptação dos ítalo-americanos e de redefinição imediata de uma identidade "ítalo-americana"que havia se baseado grandemente no fascismo nos anos anteriores. Ver também Cannistraro, Philip. "Gli itali americani di fronte all'ingresso dell'Italia nella Seconda Guerra Mondiale", *Storia Contemporanea*, VII, 4: 855-864, 1976.

Itália e pelo fascismo e rejeitar o antifascismo[54].

Como a questão da identidade "operária" afetou a situação nesse momento, é ponto em aberto, mas secundário, pois, nesse fim dos anos 30 e início dos 40, o problema central era o da definição da identidade nacional[55] e não mais o conflito entre identidades étnica e de classe que tanto havia marcado a luta operária dos italianos de SP nos anos anteriores. De fato, tal arma de conflito social tinha perdido natural e gradualmente sua importância a medida que o operariado, e também os empresários, iam sendo cada vez menos italianos e indistintamente brasileiros. Nesse sentido, a questão da identidade nacional (e, sem dúvida, da integração dos operários nessa identidade através da política operária estatal) passou a superar grandemente em importância um problema da luta operária de São Paulo que havia perdido importância com a substituição de gerações dentro da coletividade italiana.

Conclusão

O que fica evidente, assim, é que os operários italianos de São Paulo puderam, na maior parte do tempo, manter uma certa identidade como membros da classe operária (ainda que não da forma desejada pelos militantes de esquerda) e como brasileiros (no caso dos filhos de italianos), mas convivendo com leves simpatias pelo nacionalismo e, posteriormente, pelo fascismo italiano, enquanto tais simpatias não entravam em choque direto com os ditames da sobrevivência. Quando isso ocorria, os operários reelaboravam rapidamente seu grau de identificação com o nacionalismo e o fascismo e partiam em defesa, dentro do possível, de seus interesses, ressaltando sua identidade de classe, mas podendo retornar a sua dupla (ou múltipla) identidade assim que tal momento fosse superado.

Essa situação de tensão entre identidade de classe e nacionais no período do auge do nacionalismo e do fascismo na Itália e no mundo da diáspora italiana não é certamente restrita ao Brasil[56]. Em vários países,

54 Bertonha, João Fábio. "Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43", citado. O fato da nova identidade "brasileira" do grosso da coletividade não pressupôr automaticamente firme devoção ao antifascismo (pois o governo brasileiro estava satisfeito com a lealdade nacional e firmemente disposto, aliás, a desencorajar um sentimento antifascista que, em última instância, se voltaria contra ele próprio) também foi fator que pesou contra o antifascismo.

55 Sobre o complexo conjunto de fatores culturais, intelectuais, políticos e de luta social que levaram a uma renovada busca por uma identidade nacional brasileira na era Vargas, ver Font, Maurício. *Coffee, Contention and change in the making of modern Brazil*, Oxford, Basil Blackwell, 1990; Ribeiro, Maria Teresinha Janine. *Desejado e Temido - Preconceito contra o imigrante italiano em São Paulo na Primeira República*, dissertação de Mestrado em História, São Paulo, USP, 1985 e Fausto, Bóris. *Op. Cit.*

56 Falcón, Ricardo. "Immigración, Cuestion Etnica y movimento obrero (1870-1914)", in Devoto, Fernando. *Associacionismo, trabajo e identidad etnica - los italianos en America Latina en una perspectiva comparada*, Buenos Aires, CEMLA, 1992, 251-285.

porém, onde os italianos claramente se identificaram mais como trabalhadores que como italianos (Bélgica, Argentina, França) e se ligaram fortemente aos movimentos operários locais (ou, para ser mais específico, onde sua identidade "italiana" se articulou numa tradição de militância à esquerda), sua assimilação se acelerou e o antifascismo conseguiu imensa popularidade no entre guerras, em claro contraste com os países anglo saxões, onde a segmentação étnica do movimento operário apoiou a criação não de uma identidade de 'italiano" e "trabalhador" capaz de facilitar a integração dos imigrantes e a difusão do antifascismo, mas de uma identidade realmente mais étnica que de classe, o que apoiou a maior difusão do fascismo nesses locais[57].

Isso contrasta com o caso de São Paulo, onde a ampla identificação dos italianos com o movimento operário, se seguramente apoiou sua rápida assimilação, não se converteu em apoio maciço ao antifascismo italiano no período entre guerras. Um sinal de que a identidade (ou as identidades) não se expressam num vácuo, mas num contexto econômico, social, político e cultural que condiciona a fluidez das mesmas e ajuda a compor o seu significado. É assim que podemos compreender a suposta anomalia do caso brasileiro, onde a transição de um movimento operário de forte base italiana para um sentimento antifascista mais desenvolvido desse mesmo operariado no entre guerras esbarrou numa série de fatores internos (como a ausência de imigração política maciça, o tipo de antifascismo desenvolvido no local e suas relações com o movimento operário e as forças de esquerda nacionais e a própria história desse movimento) e externos (a apreciação positiva do grosso da elite dirigente brasileira pelo fascismo italiano, o forte clima repressivo anti esquerda existente no país, etc) à colônia italiana que criaram um pano de fundo muito diferente da Argentina ou da França e levaram a uma configuração um pouco diferente das identidades de classe e nacionais e da relação destas com o problema do fascismo[58].

O caso dos operários italianos de São Paulo também demonstra como o conceito de identidade é muito mais fluido e móvel (podendo ser continuamente, dentro de certos limites, recriado e reelaborado) que o desejado pelos cientistas sociais e que o sujeito histórico é, na maioria das vezes, um sujeito plural, múltiplo[59] e que não leva em conta, para infortú-

57 Ver Ottanelli, Fraser e Gabaccia, Donna. *Op. Cit.*

58 Ver, para a diferença de contextos, Bertonha, João Fábio. "O Antifascismo no mundo da diáspora italiana. Elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro". *Altreltalie – Rivista sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*, Torino, 17; 16-30, jan/jun 1998. Para as dificuldades dos antifascistas mesmo num momento aparentemente muito favorável para eles, ver Bertonha, João Fábio. "Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43", citado.

59 No caso da identidade nacional, é realmente importante ressaltar como o grande sonho dos nacionalistas étnicos de fins do século XIX e inícios do XX – a de que ela obliterasse todas as outras formas de identidade e fosse imóvel e inflexível – nunca se converteu em realidade. Ver Hobsbawn, Eric. *Op. Cit.*

nio desses cientistas, supostas ligações entre o ser membro de uma classe e um determinada posição política ou cultural[60]. Só quando entendida nessa fluidez e dentro de um certo contexto é que a identidade (ou as identidades) fazem sentido e só assim podemos apreender a curiosa experiência dos italianos de São Paulo entre 1890 e 1945.[61]

60 Ver Bertonha, João Fábio. "Culturalismo X Estruturalismo. Um debate com E.P. Thompson". *Varia Historia*, 17: 31-50, 1997, especialmente p. 44. Ainda assim, os trabalhos de Donna Gabaccia e Carlo Castaldi mostram como, às vezes, os italianos membros das classes populares tendiam, após ascenderem socialmente, a abandonar a sua antiga identidade de operário e trabalhador e reforçar sua auto identificação como "italiano", em detrimento até dos antigos laços que os prendiam às culturas de aldeia e região. Um sinal que, se os laços "classe/posicionamento político/cultura" não são automáticos e derivativos, também não são inexistentes.

61 Ver as referências aos trabalhos de Castaldi e Gabaccia na nota 22.